

Ed



Charles Baudelaire
O spleen de Paris

editora ■ 34

PEQUENOS POEMAS EM PROSA

A ARSÈNE HOUSSAYE

Meu caro amigo, eu lhe dedico uma pequena obra da qual não se poderia dizer, sem injustiça, que não tem pé nem cabeça, uma vez que tudo nela é, ao mesmo tempo, pé e cabeça, alternada e reciprocamente. Considere, eu lhe peço, as admiráveis comodidades que essa combinação oferece a todos, ao senhor, a mim e ao leitor. Podemos interromper onde quisermos — eu, o devaneio; o senhor, o manuscrito; o leitor, a leitura; pois não suspendo a vontade renitente deste último pelo fio interminável de uma intriga supérflua. Tire uma vértebra, e as duas partes desta tortuosa fantasia se reunirão sem esforço. Pique-a em numerosos fragmentos, e verá que cada qual pode existir à parte. Na esperança de que alguns desses retalhos sejam vivos o bastante para lhe parecer agradáveis e divertidos, eu ousou lhe dedicar a serpente inteira.

Tenho uma pequena confissão a lhe fazer. Foi ao folhear, pela vigésima vez ao menos, o famoso *Gaspard de la Nuit*, de Aloysius Bertrand (um livro que o senhor, eu e alguns de nossos amigos conhecemos não tem todo o direito de ser chamado de *famoso?*), que me veio a ideia de tentar alguma coisa de análogo e de aplicar à descrição da vida moderna, ou antes, de *certa* vida moderna, mais destilada, o mesmo procedimento que ele aplicara à descrição da vida antiga, tão estranhamente pitoresca.

Qual de nós não sonhou, em seus dias de ambição, com o milagre de uma prosa poética, musical mesmo sem ritmo nem rima, flexível e compósita a ponto de se adaptar aos movimentos líricos da alma, às ondulações do devaneio, aos sobressaltos da consciência?

É sobretudo da frequência das cidades enormes, é do cruzamento de suas inumeráveis relações que nasce esse ideal obsedante. O senhor mesmo, meu caro amigo, não tentou traduzir numa *canção* o grito estridente do *Vidraceiro* e exprimir numa

prosa lírica todas as desoladoras sugestões que esse grito faz chegar até as mansardas, através das mais altas brumas da rua?

Mas, para dizer a verdade, temo que minha inveja não me tenha valido de nada. Tão logo comecei o trabalho, percebi não apenas que continuava longe de meu misterioso e distante modelo, como também que estava fazendo alguma coisa (se é que isto pode ser chamado de *alguma coisa*) de singularmente diverso, acidente que inspiraria orgulho a qualquer outro que não eu, mas que só pode humilhar profundamente um espírito para o qual a máxima honra do poeta consiste em realizar *justamente* o que projetara fazer.

Seu muito afeiçoado,

C. B.

I. O ESTRANGEIRO

— Diz quem amas mais, homem enigmático, diz! Teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão?

— Não tenho nem pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Teus amigos?

— O senhor usa uma palavra de sentido ainda obscuro para mim.

— Tua pátria?

— Ignoro em que latitude ela se encontra.

— A beleza?

— Quisera eu amá-la, divina e imortal.

— O ouro?

— Eu o detesto como o senhor detesta Deus.

— Mas então o que tu amas, formidável estrangeiro?

— Amo as nuvens... as nuvens que passam... ao longe... ao longe... as maravilhosas nuvens!

III. O CONFITEOR DO ARTISTA

Como são penetrantes os fins de dia de outono! Ai, penetrantes até doer! Pois há certas sensações deliciosas em que o vago não exclui o intenso; e não há ponta mais acerada que a do Infinito.

Como é vasto o deleite de submergir o olhar na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, incomparável castidade do azul-celeste! Vela diminuta que estremece rente à linha do horizonte e, pequena e isolada como é, imita minha irremediável existência! Melodia monótona do marulho — todas essas coisas pensam em mim ou talvez eu pense nelas (pois, no devaneio sem medida, o *eu* logo se perde!); elas pensam, dizia eu, mas pensam musicalmente, pitorescamente, sem argúcias, sem silogismos, sem deduções.

Contudo, esses pensamentos, quer saiam de mim, quer provenham das coisas, logo se tornam intensos demais. A energia dessa volúpia cria um incômodo e um sofrimento pronunciados. Meus nervos, de tão retesados, não produzem mais que vibrações estridentes e dolorosas.

E então a profundidade do céu me consterna; sua limpidez me exaspera. A indiferença do mar, a imutabilidade do espetáculo me revoltam... Ai! Será preciso eternamente sofrer ou fugir eternamente ao belo? Natureza, maga sem mercê, rival sempre vitoriosa, deixa-me! Deixa de tentar meus desejos e meu orgulho! O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de cair vencido.

XIV. O VELHO SALTIMBANCO

Por toda parte exhibia-se, espalhava-se, fartava-se o povo em dia de folga. Era uma dessas solenidades com as quais longamente contam os saltimbancos, os prestidigitadores, os domadores de animais e os vendedores ambulantes, para compensar as más temporadas do ano.

Nesses dias, tenho a impressão de que o povo esquece tudo, o sofrimento e o trabalho; mais parece um bando de crianças. Para os pequenos, é um dia feriado, é o horror da escola adiado por vinte e quatro horas. Para os grandes, é um armistício concluído com as potências malignas da vida, um respiro em meio à contenda e à luta universais.

Mesmo os homens do mundo, mesmo os homens às voltas com trabalhos espirituais dificilmente escapam à influência desse jubileu popular. Eles absorvem, sem notar, seu quinhão dessa atmosfera de desafogo. No que me toca, eu nunca deixo, como bom parisiense, de passar em revista todas as barracas que se enfeitam para essas ocasiões solenes.

De fato, elas faziam uma formidável concorrência umas às outras: era um tal de piar, mugir, berrar. Era uma mistura de gritos, clarins e detonações de foguetes. Os bufões e os palhaços esgarçavam os traços de seus rostos morenos, curtidos pelo vento, a chuva e o sol; com o garbo de atores seguros de seu efeito, lançavam tiradas e chacotas de uma graça sólida e pesada como a de Molière. Os hércoles, ciosos da enormidade de seus membros, sem testa nem crânio, à maneira dos orangotangos, pavoneavam-se majestosamente, metidos em malhas lavadas de véspera para a ocasião. As dançarinas, belas como fadas ou princesas, pulavam e saltitavam sob a luz das lanternas que faziam faiscar suas saias.

Tudo era luz, poeira, gritaria, alegria, tumulto; uns gastavam, outros ganhavam, uns e outros igualmente alegres.

As crianças se penduravam à saia das mães para ganhar algum pirulito ou trepavam aos ombros dos pais para ver melhor um ilusionista, deslumbrante como um deus. E por toda parte circulava, dominando todos os perfumes, um cheiro de fritura que era como o incenso dessa festa.

No fim, no extremo da fileira de barracas, como se, envergonhado, ele tivesse exilado a si mesmo de todos esses esplendores, vi um pobre saltimbanco, arqueado, caduco, decrépito, uma ruína de homem, encostado a uma das estacas de sua cabana; uma cabana mais miserável que a do selvagem mais bruto, com dois tocos de vela que, escorrendo e fumegando, iluminavam bem demais a desgraça ao redor.

Em toda parte, a alegria, o lucro, a gandaia; em toda parte, a certeza do pão de amanhã; em toda parte, a explosão frenética de vitalidade. Aqui, a miséria absoluta, a miséria ataviada — para cúmulo do horror — de andrajos cômicos, em que a necessidade, bem mais que a arte, introduzira os contrastes. Ele não ria, o miserável! Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava; não cantava nenhuma canção, nem alegre, nem lamuriante, não implorava. Estava mudo e imóvel. Tinha renunciado, tinha abdicado. Seu destino estava selado.

Mas que olhar profundo, inesquecível, ele passeava pela multidão e pelas luzes, para essa maré que se detinha a alguns passos de sua repulsiva miséria! Senti a garganta apertada pela mão terrível da histeria, e senti que meu olhar era ofuscado por lágrimas rebeldes, dessas que não querem cair.

Que fazer? De que serviria perguntar ao infeliz qual curiosidade, qual maravilha ele tinha para mostrar naquelas trevas fétidas, atrás da cortina esfrangalhada? A verdade é que eu não tinha coragem; e, por mais que a razão de minha timidez pareça risível, devo admitir que tinha medo de humilhá-lo. Por fim, eu já me resolvia a deixar discretamente algum dinheiro sobre uma das tábuas da cabana, fazendo votos de que ele adivinhasse

minha intenção, quando um grande refluxo de povo, causado sabe-se lá por qual tumulto, me arrastou para longe dele.

E, voltando-me para trás, obcecado por aquela visão, tentei analisar o meu súbito sofrimento, e disse comigo mesmo: acabo de ver uma imagem do velho homem de letras que sobreviveu à geração que ele soube divertir com brilhantismo; uma imagem do velho poeta sem amigos, sem família, sem filhos, degradado pela miséria e pela ingratidão pública, numa barraca em que mais ninguém quer entrar!

XVIII. O CONVITE À VIAGEM

Contam que há um país soberbo, um país de Cocanha, que sonho visitar com uma velha amiga. País sem igual, imerso nas brumas do nosso Norte, e que bem se poderia chamar o Oriente do Ocidente, a China da Europa, a tal ponto a cálida e caprichosa fantasia deixou ali a sua marca, a tal ponto ela o ilustrou, paciente e pertinaz, com suas sábias e refinadas vegetações.

Um verdadeiro país de Cocanha, onde tudo é belo, rico, tranquilo, honrado; onde o luxo se compraz em se mirar na ordem; onde a vida é farta e suave de se respirar; donde a desordem, o tumulto e o imprevisto estão excluídos; onde a felicidade esposou o silêncio; onde mesmo a cozinha é poética, farta e excitante a um só tempo; onde tudo se parece contigo, meu anjo amado.

Conheces essa moléstia febril que se apossa de nós em meio às frias misérias, essa nostalgia de um país que ignoramos, essa curiosidade angustiada? Há uma terra que se parece contigo, onde tudo é belo, rico, tranquilo e honrado, onde a fantasia construiu e decorou uma China ocidental, onde a vida é suave de se respirar, onde a felicidade esposou o silêncio. É lá que se deve ir a viver, é lá que se deve ir a morrer!

* Sim, é lá que se deve ir a respirar, sonhar e prolongar as horas pelo infinito das sensações. Um músico escreveu o *Convite à valsa*; quem há de compor um *Convite à viagem* que se possa oferecer à mulher amada, à irmã de eleição?

Sim, é nessa atmosfera que seria bom viver — lá, onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relógios fazem soar a felicidade em tom solene, mais profundo e mais significativo.

Sobre painéis luzidios ou sobre couros dourados, de uma riqueza sombria, vivem discretamente pinturas beatas, calmas e profundas como a alma dos artistas que as criaram. Os poentes,

que colorem tão ricamente o salão de jantar ou a sala mais íntima, são filtrados pelos belos tecidos ou por essas altas janelas trabalhadas que o chumbo divide em numerosos compartimentos. Os móveis são vastos, curiosos, estranhos, armados de fechaduras e de segredos, como as almas refinadas. Os espelhos, os metais, os tecidos, o ouro e a faiança executam para os olhos uma sinfonia muda e misteriosa; e, de todas as coisas, de todos os lados, das fissuras das gavetas e das dobras dos tecidos, desprende-se um perfume único, uma *saudade* de Sumatra que é como a alma do apartamento.

Um verdadeiro país de Cocanha, eu te afianço, onde tudo é rico, asseado e luzidio como uma consciência limpa, como uma magnífica bateria de cozinha, como uma esplêndida ourivesaria, como uma joalheria multicolor! Os tesouros do mundo afluem para ali, como à casa de um homem laborioso e que fez por merecer aos olhos do mundo inteiro. País único, superior aos outros, assim como a Arte supera a Natureza, onde esta é reformada pelo sonho e corrigida, embelezada, refundida.

Busquem e tornem a buscar, dilatam sempre mais os limites de sua felicidade, ó, alquimistas da horticultura! Ofereçam prêmios de sessenta e de cem mil florins para quem solucionar seus ambiciosos problemas! Quanto a mim, eu já encontrei minha *tulipa negra* e minha *dália azul*!

Flor incomparável, tulipa reencontrada, alegórica dália, não é bem ali, nesse belo país de calma e devaneio, que se deveria ir a viver e florescer? Não serias ali emoldurada por tua analogia, não poderias ali te mirar, para falar como os místicos, em tua própria *correspondência*?

Sonhos! Sempre sonhos! E quanto mais a alma é ambiciosa e delicada, tão mais os sonhos se afastam do possível. Cada homem carrega consigo sua dose de ópio natural, sem cessar secretada e renovada, e, do nascimento à morte, quantas são as horas repletas de prazer positivo, de ação feliz e resoluta?

Alguma vez viveremos, alguma vez penetraremos nesse quadro que meu espírito pintou, nesse quadro que se parece contigo?

Esses tesouros, esses móveis, esse luxo, essa ordem, esses perfumes, essas flores miraculosas, tudo isso és tu. Tu és ainda esses grandes rios e esses canais tranquilos. Esses enormes navios que eles conduzem, tão carregados de riquezas e dos quais se elevam os cantos monótonos da manobra, são meus pensamentos que dormem ou que navegam em teu seio. Tu os levavas docemente rumo ao mar que é o Infinito, refletindo as profundezas do céu na limpidez da tua bela alma — e quando, fatigados pelas vagas e abarrotados de produtos do Oriente, eles entram no porto natal, são ainda meus pensamentos que, agora mais ricos, tornam do Infinito de volta para ti.

XLI. O PORTO

Um porto é um repouso sedutor para uma alma fatigada das lutas da vida. A vastidão do céu, a arquitetura móvel das nuvens, as colorações cambiantes do mar, o cintilar dos faróis são um prisma maravilhosamente propício a entreter os olhos sem jamais cansá-los. As formas esguias dos navios de aparelhagem complicada, aos quais o marulho imprime oscilações harmoniosas, servem para cultivar na alma o sentido do ritmo e da beleza. Além disso, e sobretudo, há uma espécie de prazer misterioso e aristocrático, para quem não tem mais curiosidade ou ambição, em estar a contemplar, reclinado no mirante ou debruçado sobre o quebra-mar, todos os movimentos dos que partem e dos que retornam, dos que ainda têm a força de querer, o desejo de viajar ou de enriquecer.

XLIV. A SOPA E AS NUVENS

Minha bem-amada doidivanas me servia o jantar, e pela janela aberta da sala eu contemplava as moventes arquiteturas que Deus cria com os vapores, as maravilhosas construções do impalpável. E, em meio à contemplação, eu me dizia: “Todas essas fantasmagorias são quase tão belas quanto os olhos da minha bela bem-amada, essa maluquinha de olhos verdes”.

E então, de repente, levei um tapa violento nas costas e ouvi uma voz rouca e encantadora, uma voz histérica e como rachada pela aguardente, a voz da minha querida, da minha pequena bem-amada, que dizia: “Tome logo essa sopa, imbecil, ou vai ficar aí contando nuvens?”.

XLVI. PERDA DE AURÉOLA

— Mas como? Você por aqui, meu caro? Você, num lugar de má fama! Você, sorvedor de quintessência, você, um degustador de ambrosia! Vamos e venhamos, é de surpreender!

— Meu caro, você sabe do meu terror aos cavalos e às carruagens. Ainda há pouco, quando vinha atravessando o bulevar com a maior pressa, saltitando sobre a lama, através daquele caos movente em que a morte chega a galope, de todos os lados, a um só tempo, minha auréola, por conta de um movimento brusco, deslizou da minha cabeça e caiu no lodo do macadame. Não tive coragem de pegá-la de volta. Achei menos desagradável perder minhas insígnias do que ter os ossos reventados. E, depois, eu me dizia, há males que vêm para bem. Agora posso passear incógnito, cometer atos vis e me entregar à devassidão, como os simples mortais. E cá estou, perfeitamente semelhante a você, como vê!

— Você poderia ao menos pôr anúncios ou prestar queixa ao delegado.

— Ó, céus, não! Estou bem por aqui. Só você me reconheceu. De resto, a dignidade me entedia. E gosto de pensar que um mau poeta qualquer há de recolhê-la e envergá-la sem pudor. Fazer o bem ao próximo, que prazer! Ainda mais a um bem-aventurado que me fará rir! Pense em X ou em Z! Que tal? Como será divertido!